

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E OS REPOSITÓRIOS DE HISTÓRIA ORAL NO BRASIL***HISTORY OF EDUCATION AND THE REPOSITORIES OF ORAL HISTORY IN BRAZIL*****HISTORIA DE LA EDUCACIÓN Y REPOSITARIOS DE HISTORIA ORAL EN BRASIL**

Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto
alinydayany@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Ir a campo, encontrar sujeitos, trocar olhares, ver, ouvir, transcrever, transcriar e compor novas escritas, inclusive videográficas (MAUAD, 2016), são algumas das práticas comuns aos historiadores oralistas. No entanto, cabe pensar qual a responsabilidade que temos para além desses momentos. Afinal, para onde vão as entrevistas de História Oral depois que uma pesquisa se encerra? Como asseguramos que futuros pesquisadores tenham acesso a tais materiais? E em que medida manter e disponibilizar tais fontes pode suscitar novas pesquisas em História da Educação? Pensando em tais questionamentos, este trabalho se propõe a discutir a importância dos repositórios de memórias de expressão oral (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020) para as pesquisas em História da Educação no Brasil. Para além disso, reflete acerca das dificuldades e limitações de pesquisas que envolvem tais narrativas no Rio Grande do Norte, tendo em vista a dispersão dos acervos, espalhados sob a guarda de diferentes pesquisadores e/ou grupos de pesquisa. Para sistematizar as considerações desta produção, utilizamos autores como: Paul Thompson (2002), Meihy e Seawright (2020), Ângela de Castro Gomes (2020) e Ana Maria Mauad (2016). Também foi realizado um levantamento dos principais acervos de História Oral no Brasil, com ênfase naqueles que já disponibilizam seus materiais em áudio, audiovisual e/ou transcrições para download imediato. A partir desse levantamento inicial e considerando o modo como tais acervos são organizados, é possível começar a pensar sobre a sistematização de novos repositórios, ampliando o alcance das memórias de expressão oral e fortalecendo seu uso em pesquisas na área da História da Educação.

Palavras-chave: Memórias. Narrativas. Entrevistas. Acervos. Repositórios.

ABSTRACT

Going to the field, meeting subjects, exchanging glances, seeing, listening, transcribing, “transcriar” and composing new writings, including videographic (MAUAD, 2016) are some of the practices common to oral historians. However, it is worth thinking about the responsibility that we have beyond these moments. After all, where do Oral History interviews go after a survey is over? How do we ensure that future researchers have access to such materials? And to what extent can maintaining and making available such sources prompt new research in the History of Education? Thinking about such questions, this work proposes to discuss the importance of the repositories of oral expression memories (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020) for research in the History of Education in Brazil. Besides this, it reflects on the difficulties and limitations of research involving such narratives in Rio Grande do Norte, in view of the dispersion of the collections, spread under the guardianship of different researchers and / or research groups. To systematize the considerations of this production, we used authors such as: Paul Thompson (2002), Meihy and Seawright (2020), Ângela de Castro Gomes (2020) and Ana Maria Mauad (2016). A survey of the main collections of Oral History in Brazil was also carried out, with emphasis on those who already make their audio, audiovisual and / or transcript materials available for immediate download. From this initial survey and considering the way such collections are organized, it is possible to start thinking about the systematization of new repositories, expanding the scope of oral expression memories and strengthening their use in research in the area of the History of Education.

Key-words: Memoirs; Narratives; Interviews; Collections; Repositories.

RESUMEN

Adentrarse en el campo, conocer temas, intercambiar miradas, ver, escuchar, transcribir, transcribir y componer nuevos escritos, incluidos los videográficos (MAUAD, 2016), son algunas de las prácticas habituales de los historiadores orales. Sin embargo, vale la pena pensar en qué responsabilidad tenemos más allá de estos momentos. Después de todo, ¿a dónde van las entrevistas de Historia Oral después de que termina una encuesta? ¿Cómo nos aseguramos de que los futuros investigadores tengan acceso a dichos materiales? ¿Y en qué medida el mantenimiento y la puesta a disposición de tales fuentes puede generar nuevas investigaciones en la Historia de la Educación? Con estas preguntas en mente, este artículo tiene como objetivo discutir la importancia de los repositorios de memorias de expresión oral (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020)

para la investigación en Historia de la Educación en Brasil. Además, reflexiona sobre las dificultades y limitaciones de las investigaciones que involucran tales narrativas en Rio Grande do Norte, ante la dispersión de las colecciones, diseminadas bajo la custodia de diferentes investigadores y / o grupos de investigación. Para sistematizar las consideraciones de esta producción se utilizaron autores como: Paul Thompson (2002), Meihy y Seawright (2020), Ângela de Castro Gomes (2020) y Ana Maria Mauad (2016). También se realizó un relevamiento de las principales colecciones de Historia Oral en Brasil, con énfasis en aquellas que ya ponen a disposición sus materiales en audio, audiovisuales y / o transcripciones para descarga inmediata. A partir de este levantamiento inicial y considerando la forma en que se organizan dichas colecciones, es posible comenzar a pensar en la sistematización de nuevos repositorios, ampliando el alcance de las memorias de expresión oral y fortaleciendo su uso en la investigación en el campo de la Historia de la Educación.

Palabras clave: Recuerdos. Narrativas. Entrevistas. Colecciones. Repositorios.

INTRODUÇÃO

O uso dos chamados testemunhos orais como fonte histórica remonta a períodos longínquos. No entanto, a possibilidade de coleta das narrativas orais e de preservação do áudio é bem mais recente. A partir dos anos 1950, isso tornou-se possível também devido à popularização dos gravadores de voz. Com esse equipamento passou a ser viável não somente falar com pessoas que vivenciaram determinado contexto histórico, mas também preservar suas palavras, difundí-las e assegurá-las para a posteridade. Isso ocorreu simultaneamente na Europa, sobretudo Inglaterra, França e Espanha, nos Estados Unidos e no México.

A História Oral enquanto metodologia foi sendo sistematizada, e criticada por muitos, guardando particularidades em cada lugar. Nos EUA surgiu, inicialmente, muito voltada à preservação das memórias das chamadas elites políticas. Na Inglaterra ganhou fôlego a partir dos anos 1960, associada à

chamada “*history from below*” e a historiadores que visavam ouvir e construir a história daqueles que estavam à margem da História.

No Brasil, a proposta começa a ser discutida e sistematizada ainda nos anos 1970, embora seu impulso tenha ocorrido nos anos 1990. Em 1970, temos a criação do acervo do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC/FGV), inicialmente com uma proposta que nos parece mais próxima da *Oral History Association* dos EUA, com projetos voltados às elites políticas e com a intenção de preservar memórias de pessoas consideradas importantes nacionalmente, a exemplo de ex-presidentes da República, como o próprio Juscelino Kubstchek, que concedeu entrevista à instituição ainda na década de 1970.

Já a Associação Brasileira de História Oral foi criada no final dos anos 1990 e reuniu nomes importantes, como: José Carlos Sebe Bon Meihy, Verena Alberti, Ângela de Castro Gomes, dentre tantos outros que foram se aproximando da instituição no decorrer das últimas décadas. Se inicialmente a intenção era assegurar um estatuto de confiabilidade à metodologia, hoje a associação funciona como promotora e divulgadora dos trabalhos nessa área, respondendo pelo principal veículo difusor da temática, a *Revista de História Oral*.

Mais recentemente, sobretudo a partir da segunda década dos anos 2000, vem ganhando força no Brasil a aproximação entre História Oral e História Pública, com a divulgação de conteúdos em canais de audiovisuais acadêmicos e não acadêmicos, além de diversos outros formatos difundidos através de plataformas on-line. Em 2012 também foi criada a Rede Nacional de História Pública, que tem realizado congressos e eventos sinalizando para a aproximação com a História Oral.

A História Oral compreendida como via de mão dupla, como defende Alessandro Portelli (2016), possibilita uma construção conjunta da fonte, que envolve o entrevistado e o entrevistador e favorece a expansão do público,

envolvido em diferentes etapas da pesquisa. Essa compreensão da metodologia auxilia uma maior aproximação com a História Pública (SANTHIAGO, 2016) e também pode suscitar que nossas pesquisas na área da História da Educação tenham um alcance cada vez maior.

Sabendo disso, nosso objetivo aqui é discutir a importância dos repositórios de memórias de expressão oral (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020) para as pesquisas em História da Educação no Brasil e como um primeiro passo na direção da democratização do acesso às produções acadêmicas. Cabe ressaltar que nem todos os acervos digitais de memórias são necessariamente repositórios digitais. Muitos laboratórios desenvolvem a coleta, catalogação, guarda e manutenção de entrevistas de História Oral e até as disponibilizam on-line, mas não permitem ao usuário buscas mais precisas em suas plataformas digitais, o que seria uma das características dos repositórios digitais, conforme elucidam Martins, Rodrigues e Nunes (2008).

Aqui nos propomos a discutir os acervos de entrevistas de História Oral de uma forma mais ampla e considerando não apenas os repositórios digitais, mas os diversos “bancos de história” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020), espaços que disponibilizam conjuntos de entrevistas de história oral. Em linhas gerais, os “bancos de histórias” se constituem em recursos fundamentais para registro e guarda de documentos atentos ao futuro” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 145).

Iremos ainda refletir sobre dificuldades e limitações de pesquisas que envolvem o acesso a conjuntos organizados de entrevistas, disponíveis digitalmente e de forma sistematizada, no Rio Grande do Norte, tendo em vista a dispersão dos acervos, espalhados sob a guarda de diferentes pesquisadores.

Para tanto, partimos dos relatos de experiência com acervos de entrevistas da professora Luciane Grazziotin (2016) e da nossa própria experiência durante a elaboração da tese de doutorado (PRANTO, 2018). Além

disso, procedemos ao levantamento dos principais acervos de História Oral disponíveis digitalmente, seja através de sites e repositórios ou “bancos de histórias” próprios, seja através da utilização de plataformas digitais de compartilhamento de audiovisual.

HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS

Várias são as possibilidades de uso das fontes orais para compor pesquisas em História da Educação. Elas possibilitam ouvir vozes discordantes, tensionar narrativas cristalizadas, amplificar vozes costumeiramente ausentes nos documentos oficiais, expandir pontos de vista e interpretações diversas. Além disso, permite-nos ainda compreender o modo como um mesmo sujeito se transforma e modifica suas análises sobre uma determinada época vivida, relativizando suas ações no passado, ou reinterpretando-as.

Esse movimento, que envolve múltiplas temporalidades (DELGADO, 2006), torna as discussões sobre as instituições de ensino e sua cultura escolar cada vez mais plurais, pois possibilita ao pesquisador lançar perguntas ao sujeito partícipe da pesquisa e identificar que vestígios permaneceram e/ou se transformaram em suas memórias.

Ao trabalhar a narrativa oral e proceder ao seu cruzamento com outras fontes (THOMPSON, 2002), surge ao historiador da educação uma gama de alternativas interpretativas e caminhos investigativos, que permitem recorrer a outros sujeitos, comparar versões oficiais com relatos do cotidiano. Com isso, é cada vez mais viável identificar as versões particulares, não homogeneizantes, e que favorecema não generalização.

Quando falamos em entrevistas, não raro, há quem opte pelo seu uso na História da Educação devido à ausência de outras fontes, ou para preencher

lacunas de outros tipos de documentação. No entanto, o trabalho com as narrativas orais nos permite ir além desse caráter residual, ou lacunar.

A partir das entrevistas é possível compreender a visão de pessoas mais velhas sobre a infância, sobre o cotidiano escolar, sobre o chão da escola, que muitas vezes não se faz visível nos registros oficiais. É a visão da escola a partir do olhar daqueles que a viveram, mas não puderam expressá-la naquela época. É o olhar da professora leiga, para além do que podia ser mencionado em atas e cadernetas. É a visão do aluno sobre atos que, de tão corriqueiros, não mereciam compor os registros oficiais. Era o relato sobre o correr, o brincar, o festejar, o ser indisciplinado, sobre as punições, sobre os aromas da escola, sobre o que ficou e como foi ressignificado depois de anos de outras vivências.

Abaixo, a título de exemplo dessa expressão do cotidiano escolar em narrativas orais, trazemos um trecho da entrevista de Dona Luzimar Alves¹:

Nos nossos pé no chão não faltava lanche. A criança que saía de casa sem tomar café podia dizer quando chegava, que tinha um chá, um pedaço de pão, ou um pãozinho doce. E na hora de sair, antes de sair, 9h pra 10h, tinha um lanche, era trigo, eu amava trigo, podia tá puro, aí, às vezes, tinha uma misturinha, às vezes não tinha, mas elas fazia com tanto amor, as merendeiras, que ficava aquela delícia, era óleo, pimenta, aquelas coisa. Muitos só ia pra escola com o sentido. Eu, ave Maria, não via a hora de chegar a hora de ir pra escola pra comer o trigo (ALVES, 2017).

O relato de Dona Luzimar sobre suas manhãs no acampamento da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” nos traz impressões que não se fariam presentes em outras fontes e nos suscita uma série de questionamentos. Podemos nos colocar a pensar sobre por que a merenda era um tema tão presente em sua fala. Ou ainda, o que significava para ela, e possivelmente para outras crianças que habitavam as periferias de Natal/RN

¹ Em entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2017.

nos anos 1960, ter acesso a refeições diárias na escola. E também sobre como suas memórias são permeadas pelos sentidos, ressaltando sempre os aromas, os sabores, aquilo que lhe marcou a ponto de ser retomado, repetido, lembrado e ressignificado mais de 50 anos depois daquela experiência.

Em outros momentos da fala de Dona Luzimar é explícita a relação entre períodos temporais distintos. Repentinamente, ela sai das reminiscências de sua infância e a compara com os dias atuais, que ela avalia como mais difíceis e menos respeitosos, como podemos observar a seguir quando ela narra as brincadeiras:

A gente brincava de qualquer coisa, era garrafão, academia... Garrafão eu não gostava muito não. A roubada da bandeira, tinha, era nós arrodando o galpão pra roubar a bandeira uma da outra. Era muito bom. Hoje em dia, é celular dentro do colégio e namoro, mas ali era menino com menina, mas ninguém nem se tocava nisso, não pensava nem nisso (ALVES, 2017).

Cabe ressaltar que, embora tenham grande potencial as pesquisas em História da Educação, as fontes orais também têm suas limitações e exigem cuidados, pois, assim como as demais, ela não é isenta de intencionalidade e está permeada de subjetividade. Segundo Grazziotin (2016), “A memória é movediça e subjetiva [...]”, e nos cabe estar atentos e conscientes disso. Não é possível crer que retomamos o olhar da criança que estudou sob palhas de coqueiro nos anos 1960, tal qual naqueles dias distantes.

Temos de observar que o narrador nos traz informações importantes sobre aquela vivência, que podem inclusive ser cruzadas com outras fontes, mas traz, ainda, as avaliações de uma pessoa idosa, que estudou, ou não, em outros espaços, que pôde ou não falar sobre aquela escola por muitas décadas, que avançou, ou não, nos estudos, e tudo isso influencia sua narrativa. Seu olhar para trás é também um olhar sobre hoje e sobre o futuro. Ao rememorar, o sujeito apresenta suas impressões sobre um período que não

mais existe e ali também estão refletidas suas frustrações e conquistas. O modo como miramos nosso passado pode exprimir o pesar por não ter realizado algo, o orgulho por ter saído de determinada condição social, ou mesmo a expectativa de um futuro promissor ou deprimente. Todas essas formas de sentir estão imersas nessas falas e não podem ser desconsideradas.

Tais ressalvas, longe de reduzir a importância dessas fontes, as tornam ainda mais instigantes e provocadoras, principalmente quando colhidas em blocos, pois isso nos permitem comparar porque os entrevistados têm visões muito parecidas sobre dado acontecimento, ou por vezes tão absurdamente destoantes. As fontes orais nos aguçam a pensar o lugar de fala de quem as narra e questionar por que pontos tão relevantes para o gestor público não são citados pelas professoras leigas, ou vice-versa.

Cabe ainda pensar que, quando utilizamos entrevistas de História Oral, não buscamos exclusivamente as informações e não é apenas isto que os narradores nos trazem. Do contrário, são apresentadas formas de sentir, de ressignificar episódios vividos, interpretações próprias de um determinado grupo, dentre muitas outras impressões. Ao lidarmos com essas narrativas, não nos interessa apenas o que é dito, mas como foi dito. Trabalhamos analisando informações, mas principalmente refletindo sobre as memórias de uma forma mais ampla, por isso, até mesmo as mentiras, as invenções, as trocas, as confusões, devem ser consideradas, refletidas, problematizadas. Isso exige que conheçamos a fundo a temática abordada e, em se tratando de histórias de vida, que tenhamos margem para compreender o sujeito para além de um conjunto de dados. Por vezes, os acréscimos nos fatos narrados são tão importantes quanto as informações precisas. O entrevistador não é nossa fonte, suas memórias narradas para nós é que o são. E isso nos exige um olhar sensível e acurado. Nisto nos auxilia a professora Ângela de Castro Gomes ao abordar sua trajetória como historiadora oralista:

Eu já era uma praticante da História Oral, e sentia como o contato do entrevistador com o entrevistado – na entre-vista – era capaz de impactar o decurso de uma investigação, não tanto por revelar novas informações (algo então muito desejado), mas por trazer uma nova sensibilidade, obrigando, literalmente, o pesquisador a assumir outras perspectivas e aceitar que visões distintas das suas eram não só possíveis, como pertinentes e frutíferas. Quer dizer – como se tornou clássico assinalar – uma entrevista é rica, menos pelo que diz, e muito mais por como ela diz. A informação nova está, na verdade, na forma pela qual o relato dimensiona e faz emergir um acontecimento, dando contextualidade às escolhas realizadas, e cor e movimento aos personagens do relato (GOMES, 2020, p. 186).

A capacidade de olhar as entrevistas para além de suas informações é obtida ao longo dos anos de pesquisa e vai sendo pouco a pouco amadurecida. Quando nos tornamos historiadoras e historiadores oralistas, não podemos negar a subjetividade de nossas fontes, do contrário, precisamos tomá-las como uma de suas mais importantes características, que poderão nos levar a percorrer caminhos inimagináveis no início da pesquisa.

ACERVOS DE HISTÓRIA ORAL

Mas, para além de pensar a coleta de entrevistas produzida pelo próprio pesquisador, cabe ainda refletir sobre a importância da guarda, manutenção e divulgação dessas fontes. Isso permite expandir as pesquisas em História da Educação e assegurar a preservação das memórias para além do tempo de vida das pessoas, possibilitando ainda que o público em geral possa ter acesso e refletir sobre o passado sob o prisma daqueles sujeitos entrevistados anos atrás.

Um exemplo da importância desses acervos para a pesquisa em História da Educação pode ser identificado a partir das pesquisas da professora Luciane Grazziotin (2016), no Rio Grande do Sul. A partir de três

acervos distintos, quais sejam: o Acervo de memória Oral de bom Jesus, o Acervo de memória da Universidade de Caxias do Sul e o Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, sendo apenas um especificamente voltado às práticas educativas, a professora construiu sua pesquisa em História da Educação.

Lendo e ouvindo relatos de história de vida de pessoas idosas nos anos 1980, ela pôde “[...] identificar espaços de civilidade e educação para além das instituições escolares[...].” (GRAZZIOTIN, 2016, p. 174). Além disso, conseguiu retomar aspectos da cultura escolar de imigrantes, nas primeiras décadas do século XX, identificando como ocorriam os castigos escolares, como era o trabalho das professoras leigas, o processo de formação dos professores, dentre muitos outros pontos.

Ao trabalhar com entrevistas coletadas por outros pesquisadores, precisamos lidar com a perda da interação direta, já que não podemos lançar nossas próprias indagações ao sujeito ouvido. No entanto, muitas vezes, esse registro pode ser o único contato com as memórias de uma pessoa importante às nossas pesquisas, seja devido ao falecimento, ou mesmo às distâncias geográficas, ou a uma agenda lotada, que não permite ao entrevistado conceder entrevistas recorrentes. Por isso, muitas vezes faz-se necessário recorrer a entrevistas gravadas por terceiros. Esta não é uma prática menor. Trabalhando com esse tipo de material, teremos um tratamento de fonte diferente do que aplicaríamos caso fôssemos nós mesmos mediar a entrevista. Mas a partir desse tipo de registro, podemos ter acesso ao modo de pensar do sujeito entrevistado, às suas impressões e reações quando daquele momento específico.

Além disso, se o entrevistado, com quem tivemos contato através dos registros de outro pesquisador, ainda estiver vivo e disponível a nos receber, é possível proceder à nova entrevista e comparar as mudanças e permanências em sua forma de expressar o passado. Uma primeira entrevista, coletada há

anos e por outro pesquisador, pode ser o início de uma nova trajetória de pesquisa, ou nos apresentar pontos que precisam ser retomados.

Em nossa própria experiência como pesquisadora, também pudemos construir uma série de observações sobre a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, a partir de entrevistas coletadas por outros pesquisadores, a exemplo das que foram feitas por Maria Elizete Guimarães Carvalho e transcritas em sua tese, e as coletadas pelo Núcleo de História e Memória da EJA da UFRN NUHMEJA². Também trabalhei com entrevistas coletadas pelo Centro de Direitos Humanos³ e com uma realizada pela professora Marta Araújo e publicada na *Revista Educação em Questão* (2009).

Essas entrevistas foram fundamentais para nossa pesquisa, mesmo que tenhamos realizado outras. Isso porque, alguns desses entrevistados, por exemplo, já tinham falecido, como o secretário de educação Moacyr de Góes, ou ainda porque a existência delas permitiu explorar um outro público, aqueles que tinham ainda poucos relatos registrados, como as professoras leigas e os estudantes.

Em um dos casos da nossa pesquisa, decidimos realizar uma nova entrevista com a mesma professora, passados dezessete anos da primeira narrativa. Esse movimento foi crucial para que notássemos como temas antes muito relevantes, agora pouco ou nada estavam presentes em sua fala. Ou ainda, identificar que alguns acontecimentos estavam ainda mais presentes em 2017 do que no ano 2000. Essas observações sobre a transformação da memória só foram possíveis porque partimos de uma entrevista realizada anteriormente por outra pesquisadora, Maria Elizete Guimarães (2000). Isso

² O NUHMEJA – UFRN teve suas atividades encerradas, mas manteve na internet um site com parte das entrevistas coletadas disponíveis em audiovisual, além de fotografias e links para outros materiais, que apresentam memórias sobre movimentos educacionais como a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as 40 horas de Angicos. É possível acessar esse material em: <http://www.nuhmeja.ce.ufrn.br/>

³ Entrevistas disponíveis em: <http://www.dhnet.org.br/>

sinaliza para a importância e urgência de termos acervos com esse tipo de material organizado, sistematizado e de fácil acesso.

Uma das dificuldades enfrentadas quando decidimos utilizar tais entrevistas foi localizá-las. Por vezes, temos a informação de que elas existem e foram realizadas por determinado pesquisador, mas como ter acesso? Em diversas ocasiões, lemos artigos que fazem menção à entrevistas e nos interessamos pelo material. No entanto, não raro, não sabemos onde estão ou como ter acesso.

A construção de acervos de memórias de expressão oral e sua digitalização têm crescido e já dispomos de diversos espaços por todo o Brasil. Nem todos estão voltados a temáticas específicas da História da Educação, mesmo assim, podem nos servir de fonte, dependendo de quem foi ouvido e do que buscamos em nossas pesquisas.

Realizando um breve levantamento acerca dos acervos de História Oral do país, com sites ativos, identificamos mais de dez, dentre laboratórios, centros de memória e programas de História Oral. Dentre esses, apenas dois não apresentavam informações detalhadas. E a maioria já disponibiliza as entrevistas on-line em diferentes formatos.

Sabemos que o número de acervos que possuem entrevistas de História Oral é bem maior, visto que em artigo publicado no início dos anos 2000, a professora Marieta de Moraes Ferreira já sinalizava para a existência de pelo menos 47 espaços de guarda e conservação (FERREIRA, 2004). No entanto, certamente, nem todos disponibilizam digitalmente e on-line tais materiais. Além disso, se considerarmos o conceito mais restrito de repositório digital, dentre os que identificamos, apenas o CPDOC/FGV possui uma gama de possibilidades de busca por conteúdo. Os demais costumam disponibilizar suas coleções por nome dos projetos e dos entrevistados, sem a possibilidade de refinar critérios de busca.

Em geral, os acervos que identificamos com disponibilização de entrevistas em formato digital e on-line costumam ter mais de uma forma de publicação, mesclando entre transcrições das entrevistas e/ou disponibilização de áudio ou audiovisual. Alguns, inclusive, dispõem de mais de um formato para a mesma entrevista, o que seria o ideal, a exemplo do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) – FGV, do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) – UFF e da UFJF, além do Laboratório de História Oral e Imagem (LAHOI) da UFPE.

Cabe ressaltar o avanço que houve, para além dos repositórios digitais e “bancos de histórias”, na criação (e publicação nos que já existiam) de canais na plataforma digital *YouTube* este ano, certamente motivados também pelo momento de pandemia que vivenciamos. No levantamento feito na referida plataforma, buscando por Laboratórios de História Oral, identificamos pelo menos 14 espaços acadêmicos com publicações de entrevistas, documentários e outros gêneros de audiovisuais. O quadro abaixo apresenta os resultados da busca.

Quadro 01: Laboratórios e centros de pesquisa identificados com conteúdo digital em audiovisual no <i>YouTube</i>
Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) – UFF
Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) – FGV
Laboratório de História Oral (LHO) – Univille
Laboratório de História Oral e Imagem (LAHOI) – UFPE
Laboratório das Memórias e das práticas cotidianas (LABOME) - UVA – Sobral
Laboratório de Estudos do Tempo Presente – UFRJ
Laboratório de História Política e Social (LAHPS) – UFJF / Núcleo de História Oral e Memória
Laboratório de Imagem e Som (LIS)– Universidade do Estado de Santa Catarina
Laboratório de História do Tempo Presente – UFMG
Laboratório de Memórias – UNESPAR
LABHOI – UFJF

Centro de Memória – Unicamp
Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) – USP
Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS) – UFSC

Fonte: Acervo da autora

No caso do Rio Grande do Norte, em nossa pesquisa de doutorado, conforme já dito anteriormente, identificamos entrevistas disponíveis on-line no site do Centro de Direitos Humanos e no do Núcleo de História e Memória da EJA – NUHMEJA. No entanto, não localizamos repositórios específicos para entrevistas de História Oral, com material organizado, sistematizado e disponível para acesso. Daí a necessidade de pensarmos tais espaços e os promovermos o quanto antes no estado, a fim de suscitar a pesquisa com memórias de expressão oral e assegurar que as diversas pesquisas já em andamento com essa metodologia possam contribuir com o compartilhamento de suas entrevistas.

De um modo geral, vemos como necessário e urgente que ampliemos as coletas de entrevistas em História Oral voltadas à educação e que as sistematizemos para divulgação em áudio, audiovisual e/ou transcrições, sempre que possível suscitando sua disponibilização em repositórios digitais. Isso porque, através dos repositórios é possível realizar buscas mais precisas e segundo diferentes critérios.

O acesso às entrevistas de História Oral digitalmente permitirá que estabeleçamos redes de contato mais amplas, poupemos tempo para as pesquisas e asseguremos a preservação das memórias daqueles que já não estão entre nós, garantindo que suas vozes sejam eternizadas e amplificadas. É preciso o investimento em repositórios, para buscas mais precisas e sistematizadas, além da divulgação mais ampla em plataformas digitais de vídeos, por exemplo, a fim de alcançar cada vez mais pessoas interessadas

em nossa História da Educação, aproximando-a do grande público. Isso porque,

A voz possui uma carga emocional e um poder de evocação incomparáveis que não foram suficientemente explorados na transmissão de conhecimentos. Um relato e um filme são bem recebidos e têm muito a dizer às gerações habituadas ao som e a imagem (TOURTIER-BONAZZI, 2017, p. 244).

Então, sabedores disso, que ocupemos esses espaços de produção, preservação e promoção da oralidade e do audiovisual. Que possamos ampliar nossas fontes e produzir novas, que nos aproximemos do público em geral, que possamos expandir nossos acervos com entrevistas e, por que não, com filmes de nossa autoria, que levemos a História da Educação para além dos muros de nossa universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após alguns anos trabalhando com a metodologia da História Oral, não temos dúvidas quanto à sua viabilidade e expansão na História da Educação. Perceber as múltiplas temporalidades, os silêncios, as mudanças e permanências que permeiam as memórias, são algumas das oportunidades que a lida com as fontes orais nos permite.

Nos últimos tempos, fomos percebendo também como já temos algumas pesquisas recentes em nosso estado voltadas à História da Educação e fazendo uso da História Oral. No entanto, fica explícito que tais fontes, uma vez coletadas, costumam ficar sob a guarda exclusiva do pesquisador/a que a registrou. Mas, se do contrário, tornarmos públicos tais documentos, poderemos suscitar novas pesquisas, colaborar com as já existentes e alargar

o alcance de nossas discussões, inclusive criando uma rede de historiadores/as da educação oralistas.

Então, nossa intenção nesta proposta foi sinalizar para o potencial de pesquisa com acervos de memórias de expressão oral e demonstrar a necessidade de construir esses espaços de guarda das narrativas orais, apontando como isso irá colaborar também para os estudos no campo da História da Educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luzimar. **Entrevista concedida à autora**. Parnamirim, 2017.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Memórias da campanha “De pé no chão também se aprende a ler”**: 1961-1964 (o testemunho dos participantes). Tese (Doutorado em Educação) – UFRN, Natal, 2000.

DELGADO, Lucília A. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Entrevistas do NUHMEJA. Disponibilizadas pela Profa. Marisa Sampaio. 2017.

Imagens da Campanha De pé no chão também se aprende a ler. NUHMEJA. Natal: Case Design, 2011.

Entrevistas da Campanha De pé no chão também se aprende a ler. Centro de Direitos Humanos do RN. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/redes/estaduais/rn/redern/index.htm> Acesso em: 22 jun. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Oral history in Brazil**: an assessment. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 11p.

GÓES, M. Entrevista concedida à professora Marta Araújo. Campanha De pé no chão também se aprende a ler. **Revista Educação em Questão**, Natal, RN, v. 36, n. 22, set./dez. 2009.

GOMES, A. C. História oral, historiadores e temas sensíveis: um giro no parafuso. In: GOMES, A. C. (Org.). **História oral e historiografia**, questões sensíveis. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

GRAZZIOTIN, L. História da educação e história oral: possibilidades de pesquisa em acervos de memória. In: RODEGUERO, C.S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (Org.). **História oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MARTINS, A.; RODRIGUES, E.; NUNES, M. Repositórios digitais. **Rede de Bibliotecas Escolares**, Newsletter, n. 3, outubro, 2008.

MAUAD, A. M. Memórias em movimento: a experiência com fontes orais e visuais do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. In: RODEGUERO, C.S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (Org.). **História oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGTH, L. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANTO, A. D. P. M. **Os acampamentos da campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as relações dialógicas com a comunidade local**. Tese (Doutorado em Educação) – UFRN, Natal, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. A.; SANTHIAGO, R. (Org.). **História pública no Brasil**, sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOURTIER-BONAZZI. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.